

A PRÁTICA DA TATUAGEM ENTRE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI: ARTE, CULTURA JUVENIL OU IDENTIFICAÇÃO GRUPAL?

Rilda Bezerra de Freitas¹

RESUMO

A prática da tatuagem entre adolescentes privadas de liberdade, especificamente, entre “meninas em conflito com a lei”, constitui o eixo do presente artigo. Trata-se de um esforço investigativo para entender os sentidos e significados das tatuagens inscritas nos corpos dessas jovens, circunscrevendo-as como expressão artístico-cultural, que se manifesta plenamente, mesmo em contextos de privação de liberdade e conflito com a lei. Assim, o corpo é pensado como um “mapa cultural” capaz de comunicar intensamente, através das marcas de tiros, facadas e tatuagens, que narram histórias entranhadas na pele e na alma das adolescentes em conflito com a lei. O percurso investigativo da análise apropria-se da Antropologia Visual como referência teórico-metodológica, a qual abre fecundas vias analíticas para o estudo, em busca de entender a conjugação do texto visual com o texto escrito, numa dupla compreensão entre o corpo tatuado e seu significado.

Palavras-chave: Corpo. Expressão artístico-cultural. Adolescentes em conflito com a lei. Tatuagem.

THE PRACTICE OF TATTOOING AMONG YOUTH IN CONFLICT WITH THE LAW: ART, CULTURE, YOUTH OR IDENTIFY? THE GROUP?

ABSTRACT

The practice of the tattoo between adolescent in deprivation of freedom, specifically, between “girls in conflict with the law” constitutes the axle of the present article. It the question is an effort investigativo to understand the senses and meanings of the tattoos registered in the bodies of these young persons, circumscribing them like expression cultural-artistically, what is shown fully, even in contexts of deprivation of freedom and

¹ Doutora e mestre em sociologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC, assistente social pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Atualmente é bolsista do Plano Nacional de Pós-Doutorado – PNPd/CAPES, pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-graduação em Direito Constitucional da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. E-mail: rildabezerra@hotmail.com.

conflict with the law. So, the body is thought like “cultural map” able to communicate intensely, through the marks of shots, stabs and tattoos, which narrate histories penetrated in the skin and in the soul of adolescents in conflict with the law. The distance investigativo of the analysis appropriates of the visual Anthropology like referential system theoretician - metodológico, who opens fertile analytical roads for the study, in search of understanding the conjunction of the visual text with the written text, in a double understanding between the tattooed body and his meaning.

Keywords: Body. Artistic and cultural expression. Adolescents in conflict with the law. Tattoo.

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo em suas exigências e sutilezas: itinerários de um percurso em construção

O artigo apresentado é parte da tessitura teoria-empíria, desenvolvida na tese de doutorado em Sociologia na Universidade Federal do Ceará e intitulada: *O ato de matar em trajetórias juvenis: redefinições identitárias de meninas envolvidas na prática de homicídio*. Em seu objetivo, o trabalho busca adentrar nos interstícios dos atos infracionais e inscrições corporais de meninas² envolvidas na prática de homicídio. Assim, o corpo das adolescentes privadas de liberdade é percebido como um campo de análise, ou seja, como um lugar relevante para a compreensão do processo identitário gestado na engrenagem do conflito com a lei.

O estudo assume, como campo empírico, o Centro Educacional Aldaci Barbosa (internato feminino)³, localizado no bairro Antônio Bezerra, em Fortaleza, investigando a prática da tatuagem, a partir das seguintes premissas:

² Sob a forte influência da militância político-profissional no Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de rua – M. N. M. M. R., nos anos de 1990, também inspirada no romance “As Meninas”, de Lygia Fagundes Teles (2009), tenho ciência da restrita utilização do termo “menina”, como categoria de análise nas ciências jurídicas, mesmo assim, optei por fazer uso desse termo – “meninas”, tendo em vista circunscrever um tempo na vida das adolescentes envolvidas na prática de homicídio. Nesse sentido, pude demarcar um período de trânsito na vida destas jovens. Vale ressaltar que, em “As meninas”, Lygia Fagundes Teles também contextualiza os percursos de três meninas que, oprimidas pelo período violento da época da repressão no Brasil, refugiam-se em um Pensionato, na região Central de São Paulo, e dividem experiências, sentimentos e negociações identitárias até a dispersão de suas trajetórias.

³ Centro Educacional Aldaci Barbosa Mota: Unidade de Internação Feminina da extinta Fundação do Bem-Estar do Menor no Ceará (FEBEMCE), criada em 1968, para onde são encaminhadas meninas,

1. A tatuagem como expressão artística e cultural, que se manifesta plenamente, até mesmo em contextos de privação de liberdade;
2. A tatuagem como marca cultural, capaz de representar valores e códigos construídos na lógica do conflito com a lei; e
3. A tatuagem como processo identitário de jovens em condição de delinquência.

A escolha do internato feminino⁴ como primeiro *lócus* investigativo, não se deu de forma aleatória ou sem significação. Tal critério remete a escolhas literárias de uma infância cercada por livros de suspense e histórias de terror narradas por minha mãe. Quando adolescente, gostava de ler livros e assistir filmes policiais, cujas tramas versavam sobre crimes e atos de vingança. Ao longo do tempo, em minha trajetória acadêmica e profissional, como socióloga e assistente social, fui construindo uma trajetória vinculada à área da infância e da adolescência, especificamente de jovens em condição de vulnerabilidade social ou conflito com a lei. Esta inclinação de estudos, também está fincada na experiência de trabalho com adolescentes, desenvolvido em pastorais da Igreja Católica, na Juventude Operária Católica – JOC e nos movimentos sociais da década de 1990.

A rigor, não pretendo situar minha escolha pelo tema como “simples inclinação” para pesquisar o chamado “mundo do crime”. É, antes de tudo, a expressão de um compromisso político-profissional, consubstanciado, de modo peculiar, em três espaços distintos:

entre 12 a 18 anos e, excepcionalmente, até os 21 anos, por prática de ato infracional. Na atualidade, a assistência social no Ceará, tendo em vista adequar-se às novas diretrizes legitimadas pela Política Nacional de Assistência Social e por prerrogativas legais oriundas da implantação do S.U.A.S. (Sistema Único de Assistência Social), relacionadas à proteção dos direitos civis dos indivíduos, reconfigura-se, passando em 2007 a se denominar STDS (Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social). Dentre as linhas de ação da Secretaria, cabe destacar as políticas de proteção social a segmentos populacionais considerados vulneráveis, com o objetivo de assegurar e executar ações e medidas socioeducativas dirigidas a adolescentes em conflito com a lei. Vale salientar que, atualmente, o Estado mantém 12 Unidades de internação, sendo quatro no interior do Estado, todas específicas para semiliberdade (Crateús, Juazeiro, Sobral e Iguatu) e oito em Fortaleza (sendo quatro para sentenças de privação de liberdade, uma para semiliberdade, duas para internação provisória e uma utilizada como Centro de Triagem).

⁴ O internato aqui constitui numa “medida imposta” pelo Estado, através do Juizado da Infância e da Juventude, diferenciando-se dos antigos internatos, pensionatos e escolas dirigidas por religiosas nas décadas passadas. Longe de ser uma escola de período integral, ou residência temporária para adolescentes, trata-se de um “espaço de privação de liberdade” para jovens em condição de delinquência e que cometeram atos infracionais. (Vide Estatuto da Criança e do adolescente, lei federal 8.069 de 13/07/1990).

- na militância cotidiana do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR), na década de 1990, quando ainda cursava a graduação em Serviço Social,
- no exercício profissional, ao final da década de 1990, como assistente social com grupos de adolescentes e famílias das comunidades situadas nas “periferias da vida”⁵, no primeiro Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente em Fortaleza.
- e por último, na prática profissional, no C.E.S.M. (Centro Educacional São Miguel)⁶, lócus da pesquisa de mestrado, intitulada: *Códigos de honra: o cotidiano de jovens internos no São Miguel*.

Assim, a escolha deste objeto encarna também uma exigência político-acadêmica, no sentido de desvendar o imaginário do universo infracional de meninas em conflito com a lei. Tal exigência materializa-se na vontade de compreender a prática da tatuagem entre as adolescentes privadas de liberdade, o que exige adentrar em suas vivências, trajetórias e marcas corporais, muitas vezes adquiridas no confronto com a polícia.

Sobre o tema escolhido, tenho clareza de que, há várias décadas, vem sendo apresentada uma grande quantidade de trabalhos que versam sobre os espaços segregados, prisões, manicômios, campos de refugiados, conventos, reformatórios, guetos urbanos. Enfim, uma variedade de estudos sobre a vida em instituições fechadas. Tais estudos, em sua maioria, buscam mostrar como este tipo de segregação atua sobre o indivíduo, enfatizando a relevância de se compreender o suposto papel destas instituições socialmente.

Na literatura sociológica também são vários os termos e classificações sobre esses espaços. Para Goffman (2001), tais instituições são caracterizadas pelo “fechamento” ou “clausura”, ou seja, o “caráter total” é simbolizado pelo bloqueio com o mundo externo e por proibições quanto à saída do espaço institucional. Tais saídas, muitas vezes, estão incluídas na própria configuração física da instituição, por exemplo: portas fechadas,

⁵ Utilizo aqui a expressão “periferias da vida”, cunhada pela socióloga Alba Pinho de Carvalho, para designar populações que vivem processos de exclusão e de inclusão precária nos circuitos do sistema do capital. Mais precisamente são populações privadas do acesso a direitos sociais, comprometendo sua própria humanidade, no pleno exercício da dignidade humana.

⁶Centro Educacional São Miguel: unidade de internação masculina da extinta Fundação do Bem-Estar do Ceará – FEBEMCE, atualmente Secretaria de Ação Social – S.A.S., para onde são encaminhados adolescentes entre 12 e 17 anos, excepcionalmente até 21 anos, por prática de “ato infracional” grave e moderado, como: assaltos, estupros, latrocínios, lesões corporais etc.

paredes altas, arame farpado, fossos, pântanos ou florestas. A esses estabelecimentos, Goffman (2001) deu o nome de “instituições totais”.

Segundo Foucault (1987), a prisão se constitui num “micropoder”, instituições completas e austeras, mecanismo para tornar indivíduos dóceis, constituindo-se em um quartel restrito, uma escola sem indulgência, uma oficina de consertos sombria.

Na visão de Bauman (2005), tais instituições são verdadeiros armazéns de “refugo humano”, “depósitos de vidas desperdiçadas”, vítimas do progresso econômico. Um lugar onde componentes destinados à remontagem (“reciclagem”) são empilhados e, que, diante da lógica excludente do sistema capitalista, alguns componentes são danificados a tal ponto que não podem mais ser consertados.

Inspirada nessa multiplicidade de enfoques interpretativos sobre as prisões, internatos, reformatórios etc., sobre esses espaços que, em nome de uma suposta reeducação e/ou socialização, suprimem a liberdade de homens e mulheres, de jovens e crianças, fui construindo um jeito de pensar e refletir, que vem me possibilitando adentrar nos interstícios do tecido social no internato Aldaci Barbosa Mota. Assim, tento delinear um ângulo imprevisto na análise do universo de adolescentes que são classificadas socialmente como delinquentes, assassinas, prostitutas, diluindo-se tal estigma na formulação de “jovens em conflito com a lei”. O foco deste artigo incide na compreensão dos sentidos e significados da prática da tatuagem na trajetória de vida dessas adolescentes, tendo como território de análise o corpo. Não se trata, entretanto, de qualquer corpo, mas de um corpo transgressor, transformado em *outdoor*, vitrine e palco de dramas e histórias reais, narradas como uma autobiografia à flor da pele.

Em termos metodológicos, o trabalho segue, em larga caminhada, os passos de uma pesquisa qualitativa e exaustiva em campo. Durante as primeiras incursões ao lócus investigativo, logo observei que ficar esperando em uma sala de atendimento técnico, que o educador “X” encaminhasse a adolescente “A” ou “B” para a entrevista, não seria a melhor abordagem para desenvolver um diálogo, muito menos uma relação de confiança com as jovens internas. Assim, passei a assistir às aulas, participei das oficinas profissionalizantes, iniciando conversações casuais, enquanto as adolescentes produziam materiais de limpeza, panos de chão ou resolviam exercícios escolares. Acompanhei algumas jovens em seus desligamentos do internato, por ocasião da progressão para a medida de liberdade assistida. Comemos juntas, seguindo a rotina institucional. Fiz um catálogo fotográfico com as tatuagens das adolescentes e observei

os momentos de visita familiar. Andei pelo pátio da unidade atenta aos grupos em conversação e participei de algumas conversas em grupo.

Foi durante as situações de observação em campo que surgiram oportunidades para conversas informais. Aproveitei esse tempo para entrevistar adolescentes e elaborar perguntas sobre fatos ocorridos durante o cotidiano do internato e, assim, foi possível mapear os sentidos e significados das marcas corporais.

Durante as rodas de conversa, nas oficinas de trabalho – de arte, cerâmica, costura e bordado – pude perceber a formação de lideranças no internato, cujos critérios estabelecidos circunscrevem características que vão desde a coragem e a força física até a obediência aos códigos de honra e conduta estabelecidos. No espaço do internato, as relações são mediadas por acordos e negociações grupais. A chegada neste espaço é marcada por muitas tensões. Inicialmente, as jovens constroem mecanismos de resistência a qualquer relação grupal. Contudo, neste espaço de privação de liberdade, as adolescentes são obrigadas a conviver e interagir com as inimigas conquistadas nas tramas da delinquência, encontradas também cumprindo sentença. Na convivência em reclusão, também são levadas a disputas de poder entre iguais, afirmando lugares de distinção e reconhecimento. Desse modo, a manutenção de certos acordos e negociações passa a ser inevitável neste espaço.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que predominam disputas e competições urdidas em contratos de convivência, também, no cotidiano, sobressaem grupos solidários e de cooperação. Na oficina de costura, as adolescentes, enquanto bordam panos de prato, também falam das fugas, segredos e da troca de amizade construída durante o período de privação de liberdade.

“Olha tia, a campeã de fuga daqui é essa “pirrota” aí. Só é pequena essa criatura, mas, no piscar de olhos dos educadores ela já fugiu. Mas, nem adianta ela fugir, por que ela é viciada em *crack*, aí sai daqui, foge e vai roubar de novo prá comprar droga essa peste. Não sei prá quê passar um tempão planejando fugir e aí voltar prá cá de novo. Coisa de otária mesmo. Já falei prá ela, sou tua amiga menina, não quero te vê mal. Se quer fugir daqui te some de vez, coisa ruim. Mas, ela não me escuta...”. (V.L.B., 17 anos)

Diante de relatos e dados fecundos, precisei assumir uma postura epistemológica de abertura e disponibilidade perante o terreno empírico. Assim, lancei-me ao desafio de entender as narrativas sobre as inscrições corporais das jovens privadas de liberdade, sem optar por perspectivas e hipóteses teóricas restritivas, passando a observar também

os corpos das adolescentes em liberdade assistida que encontrei pelas ruas da cidade, indo para além do espaço do internato: meninas pedintes, moradoras de rua, crianças que encontrei nos terminais de ônibus – adolescentes com garrafas de cola suspensas até o nariz. Também observei os espaços das praças e sinais das principais ruas de Fortaleza. As marcas da violência e do conflito com a lei estavam lá, nos corpos de crianças e adolescentes que perambulavam, expostas a um olhar mais atento. E, de fato, era impossível não percebê-las.

Teoricamente, a Antropologia da Comunicação Visual foi fundamental nesse processo investigativo, no sentido de abrir vias de entendimento sobre o significado do corpo para a modernidade. A rigor, o tempo presente é testemunha de uma “sociedade espetacular”, portanto, exibir-se constitui uma forma de enunciar a existência e marcar sua presença no mundo. Pode-se dizer que na civilização ocidental moderna, “tudo gira em torno do corpo” (CANEVACCI, 1990, p.131), ou seja, o corpo funciona como *outdoor*, que possibilita a inserção dos indivíduos e seu reconhecimento pelos demais atores sociais.

Em suma, este artigo propõe uma apreciação interpretativa sobre a construção das imagens do corpo transgressor juvenil feminino, atentando para a relação entre os desenhos tatuados e a produção de identidades juvenis. Em um contexto maior, o desafio posto aqui é entender a lógica da sociabilidade construída por “meninas privadas de liberdade”. Daí a elaboração de alguns questionamentos, no esforço de nortear as grades de entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo, quais sejam: que representações estas jovens elaboram sobre os atos infracionais e as marcas de furos, facadas e tatuagens desenhadas em seus corpos? Possuem arrependimento, culpa, medo ou se vangloriam das marcas adquiridas no enfrentamento com a polícia? Temem que as tatuagens possam ser uma forma de identificação ou de estigma social? Como visualizam as consequências desse ato para o próprio futuro e para a vida social? Ou seja, o que busca uma jovem em conflito com a lei, afinal?

2. UMA BIOGRAFIA À FLOR DA PELE

2.1 A tatuagem como expressão artístico-cultural de jovens em conflito com a lei e privação de liberdade

O corpo marcado e modelado por sinais, apesar de socialmente mais tolerado e difundido na cena contemporânea, ainda se encontra longe de integrar os modelos da moda ou da chamada *corporeidade modal*.⁷ No entanto, se levarmos em conta o contexto em que se deu a produção das marcas e seus respectivos protagonistas, percebemos que algo mais amplo e profundo está em jogo em torno da produção social destes corpos. Daí a ideia de realizar um estudo sobre as significações subjetivamente investidas acerca das práticas de marcação corporal, entre meninas em conflito com a lei, bem como a configuração dos contextos em que estas marcas foram geradas e produzidas.

Tal perspectiva de estudo está fincada na percepção de uma infinidade de marcas, tatuagens e sinais nos corpos das jovens em privação de liberdade. Partindo desta percepção, passei a indagar o porquê – qual significado e representação destas marcas para adolescentes autoras de infrações. Ao observar as jovens caminhando pelo pátio do internato, percebi que estas pareciam gritar por uma visibilidade há muito esquecida. Foi assim que a curiosidade impressionista, encarnada pela visão das tatuagens nos braços, pernas, costas e mãos das adolescentes, cedeu lugar à inquietação sociológica em torno dos sentidos e significados dos registros de marcação corporal, entre as jovens em condição de delinquência. O corpo, antes configurado como dispositivo que expressa e caracteriza a identidade pessoal dos sujeitos, agora se transformava em *outdoor* impressionista e móvel, que se redefine e se desloca por diversos territórios. No caso das protagonistas deste estudo, parece tratar-se de um corpo que busca olhares, produzido a partir da necessidade de ser notado, quer na versão tatuagem, quer na evidência de marcas de tiros, facadas e lesões corporais, as quais colocam esse corpo em constante tensão e atenção das pessoas. Segundo Ferreira (2008), a intenção dos jovens, ao efetivarem um projeto de marcação corporal, além de assinalar uma forma de marcar presença individual no mundo, também demarca a busca por diferenciação de uma imagem institucionalizada, tão comum entre as meninas internas no Aldaci Barbosa, pela utilização de roupas e materiais de higiene institucionais. Nas palavras do autor, as inscrições nos corpos se definiriam como algo

⁷ Berthelot (1983) entende por *corporeidade modal* o conjunto de traços corporais mais valorizados, consubstanciado em figuras e estruturas de corporeidade próprias de determinadas épocas, modeladas pelos contextos sociais e culturais onde emergem. Vide: Ferreira (2008).

que vai além de uma simples marca ou sinal de estigma. Na verdade, mais do que um texto corporal a ser lido, busca construir um corpo singularizado ou simplesmente:

[...] investido de uma lógica meramente comunicativa⁸, essa forma estilística, para os jovens que a ela aderem, corresponde a uma expressão iconográfica exibida e apreciada em determinados contextos, dotada de uma lógica ostentatória e performativa que solicita o olhar do outro. (FERREIRA, 2008, p. 276)

Segundo Le Breton, (2002, p. 165), “as modificações corporais podem ser entendidas como formas pelas quais os sujeitos revelam sua presença no mundo, tipos de assinaturas de si mesmos, que ajudam a afirmar a sua singularidade”. Do mesmo modo, o ato de gravar no corpo, para além de transmitir uma ideia de permanência, também significa uma “vontade de lembrar” (RAMOS, 2001, p. 92), ou seja, encerra o desejo de expressar o vivido e preservar uma memória, algo que remete a momentos passados, dada a sua permanência de incisão na pele.

O envolvimento infracional define a maior parte das marcações nos corpos das personagens desse estudo. São marcas de tiros, facadas e tatuagens que, cada vez mais, passam a ser constantes na pele destas jovens. Assim, as cicatrizes deixadas pelo enfrentamento com a polícia relacionam-se com as trajetórias vividas pelas jovens, as quais são definidas por experiências e itinerários diferenciados, que justificam a execução de determinada tatuagem, conforme pode ser percebido em alguns relatos:

“Olha, tia tem alguns significados que só quem se envolve nessa vida é que sabe, por exemplo, tatuar palhaço no braço, quer dizer que matou policial..., outro exemplo é a folha da maconha desenhada na mão, geralmente é usuária que tem isso daí”. (A.L.S., 14 anos)

Sobre esta questão, afirma Sérgio Ferreira:

[...] na sociedade ocidental, a visibilidade da tatuagem surgia tradicionalmente associada ao registro iconográfico de situações coletivamente marcantes, como expedições, aventuras, guerras ou outras recordações da vida militar, os laços de afetividade e amor que, nesses contextos, temporária ou definitivamente, eram deixados para trás, os valores em nome dos quais o sujeito vivia, se deslocava ou combatia. Hoje

⁸ Segundo Ferreira (2008, p. 276), os conteúdos de sentido das iconografias/tatuagens encarnadas nos corpos das jovens correspondem, muitas vezes, a segredos *auto-bio-graficamente* representados.

a tatuagem tende a ser uma performance cultural associada a evocações mnemônicas mais personalísticas. (2008, p. 165)

Historicamente, a “*tatoo*”, (como é popularmente chamada), passou por vários processos de significação. De fato, atualmente, adquiriu uma nova forma de ser assumida e praticada, tornando-se cada vez mais comum ver corpos tatuados em distintos setores e classes sociais, sem restrições ou poucas restrições de gênero, idade ou *status*. Na contemporaneidade, é evidente que a tatuagem perdeu seu caráter “quase subversivo”, ou seja, deixando de ser uma prática exclusiva dos setores marginalizados e inserindo-se em outros contextos sociais, ganhando, assim, outros significados.

No Ocidente, a prática da tatuagem tem passado por distintos contextos sociais.⁹ Inicialmente, como “arte exótica”, sendo introduzida pelos viajantes e pelos marinheiros do século XVIII que, seduzidos por esta arte corporal praticada por distintos povos aborígenes (especialmente das ilhas do Pacífico), começaram a tatuar seus próprios corpos. Posteriormente, no século XIX e início do século XX, setores vistos como marginalizados da sociedade, como presidiários, prostitutas e soldados, apropriaram-se da tatuagem, que alcançou uma grande importância nos ambientes dos cárceres, onde foi conhecida popularmente como *a flor do presídio* (GROGNARD, 1992). Tal aspecto fez com que a tatuagem fosse difundida como um sinal de estigma e marginalidade, atuando, assim, em um duplo sentido: como meio e como estigma social. Em 1967, tribos urbanas – roqueiros, motoqueiros, *hippies* e, de maneira mais radical, os *punks e skins*, foram se apropriando dessa prática, adotando a tatuagem como uma marca corporal através da qual tornavam visível publicamente sua vontade de romper com as regras sociais e de se situarem deliberadamente à margem da própria sociedade.

O sentido estigmatizador do uso da tatuagem começa a mudar a partir dos anos de 1980, com o estabelecimento de modernas lojas exclusivas (dotadas de equipamentos especializados, materiais descartáveis e diferentes meios de aperfeiçoamento e de remoção); a profissionalização de seus praticantes também é algo a ser considerado, pois houve o melhoramento da técnica e, sobretudo, as novas formas de conceber o corpo, ou seja, “como obra-prima de construção do sujeito e aberto às transformações”.

⁹ Algumas adolescentes referiram ter medo de fotografar suas tatuagens, perguntaram: “Isso é pra polícias poder identificar a gente?” (D.P.D.L., 16 anos). Segundo a jovem, a polícia faz isso para identificá-las, principalmente, em contexto de perseguição e busca e apreensão.

(LE BRETON, 1995). A tatuagem torna-se, então, uma das opções estéticas procuradas pelas novas gerações.

Assim, o novo sujeito da tatuagem passa a não ter um rosto, uma identidade. É múltiplo, diverso, não possuindo fronteiras de sexo para essa prática, pois percorre as diferentes gerações, transita por todas as classes sociais, pertence a distintos níveis educativos, faz diversas atividades. Enfim, não possui, como antigamente, uma identidade determinada, um perfil social construído, ainda que perdue simbolicamente o sentido de subversão, de gueto, que identifica a tatuagem com os setores marginais, rebeldes, ou de classe baixa.

Entre as jovens em privação de liberdade, as narrativas acerca das tatuagens e seus significados parecem seguir um mapa cartográfico, uma biografia à flor da pele, redesenhada a cada nova experiência infracional e a cada novo confronto com a polícia, em meio às rotas e negociações com o crime. Tal percepção é evidente nos seguintes relatos: *vixe! tia, esse tiro aqui na minha perna, foi quando eu participei de um assalto no mercantil...* (A.L., 16 anos); *Essa facada na minha barriga foi uma treta que eu me meti, por causa de um carinha. Já pensou quase morri por causa de um cara* (D.P.D.L., 16 anos). De fato, para estas personagens, qualquer evento que tenha um impacto biográfico, subjetivamente considerável, é suscetível de virar uma inscrição no corpo. Para elas, ser tatuada, também pode significar o caminho de construção subjetiva dos grupos juvenis em que se inserem, e de inscrever nos corpos algo que as diferencie e identifique.

Sobre o sentido das tatuagens, observei certa diferenciação entre os padrões masculinos e femininos. Quando pesquisei a unidade masculina de internação, durante o mestrado, percebi que prevaleciam os desenhos indígenas, animais selvagens e/ou mitológicos: caveiras, crânios e outros que vinculam o ser masculino a valores ligados à valentia, agressividade e força. Na pesquisa realizada no Centro Educacional Aldaci Barbosa (unidade feminina), encontrei, além dos desenhos tribais¹⁰, que predominam

¹⁰ O corpo começou a ser objeto de reflexão antropológica a partir dos estudos da escola francesa, particularmente os de Hertz (1928) e os de Mauss (1991), cujos valiosos aportes teóricos mostram o corpo como uma construção social, moldado pelas técnicas e pelos hábitos de cada sociedade. Nesta perspectiva, têm-se realizado muitos estudos teóricos e etnográficos que acrescentam e aprofundam o conhecimento sobre as diversas formas de conceber e construir a corporalidade. No Brasil, os estudos de Seeger (1979), Da Matta (1979) e Viveiros de Castro (1979) marcam um importante passo nessa busca conceitual.

em ambos os sexos, inclinações para motivos como corações, flores, borboletas, cavalo alado, golfinhos, anjos etc., que parecem representar valores femininos associados à delicadeza e à ternura, conforme podem ser visualizados nas fotografias a seguir:



“Isso é um tribal; fiz, mas depois não gostei, ficou parecendo o chifre do diabo”.
(R.J., 16 anos)



“Se olhar bem esse tribal, ele é diferente, tem flores. Acho legal”. (A.G.B, 15 anos)



“É um tribal, eu gosto de coisas indígenas, de me enfeitar”... (J.F, 17 anos)

Um detalhe curioso diz respeito à localização das tatuagens tribais, cujos desenhos estão localizados sempre no mesmo lugar do corpo, o que parece apontar para uma espécie de regra a ser seguida. Outro aspecto interessante é o fato de não possuírem, em sua maioria, tatuagens nas partes mais visíveis do corpo, como o rosto e as mãos. A justificativa estaria, talvez, no fato do resto do corpo poder ser coberto com roupa, mantendo-se, assim, oculto.

Partindo destas observações, elaborei ainda outro questionamento: existiria uma tensão latente entre ser “tatuada” (seguindo a lógica de querer ser diferente) e, ao mesmo tempo, esconder essa diferença, no sentido de não querer ser estigmatizada pela sociedade? Talvez, o ato de se tatuar, para jovens em conflito com a lei, tenha um significado outro, qual seja: diferenciar-se, sair da multidão, destacar-se socialmente, como representação de algo que as singularize e que lhes permita expressar seus valores.

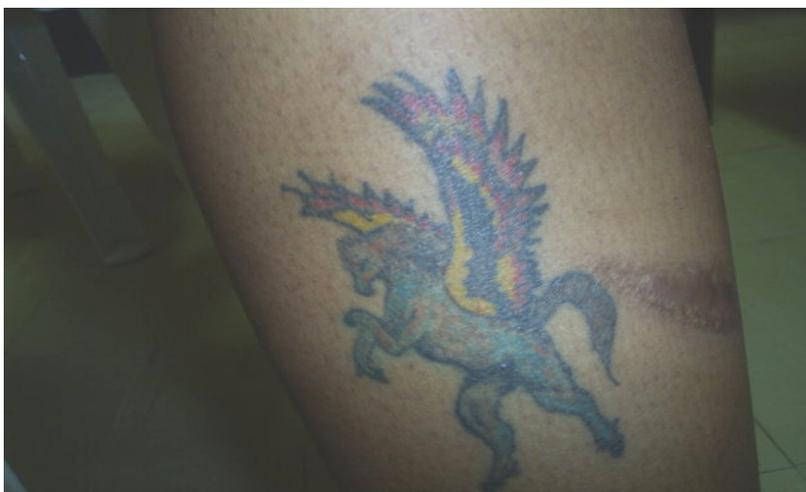
Existem outros fatores que cumprem um papel decisivo na escolha da “tattoo”, ou seja, o componente emocional que acompanha o ato, entendido por elas como “sentir vontade”. Essa sensação é bastante forte, quase incontrolável, capaz de fazê-las seguir buscando novos desenhos e novos envolvimento. Seguem, assim, os relatos das sagas que originaram os desenhos e marcas corporais. Segundo S.C.A., 15 anos, tatuar faz parte de suas vivências. É algo que faz falta e faz lembrar certos acontecimentos, conforme os relatos a seguir:

“Tatuar faz parte e faz falta, às vezes eu sinto vontade de fazer mais, é um negócio quase animal. Você vai fazendo outras, pintando, contornando, enfim. Nunca acaba. Eu lembro que quando eu fiz a primeira, os tatuadores diziam assim: faz uma pequenininha,

vai doer e eu dizia: olha, vou fazer uma grandona logo, pois pequena parece aquelas figurinhas carimbadas de chiclete. E eu aguentei o tranco e fiz logo uma grande e os caras disseram: olha, aí, a dona se garantiu mesmo”. (F.G.S., 16 anos)

E, assim, prossegue o seu relato:

“Olha, tia, a questão não é nem a dor de fazer uma tatuagem. O pior é quando você passa um tempão juntando dinheiro, fazendo programa com uns cara e outro, aí leva pro tatuador o desenho dos seus sonhos, aí o cara diz que não vai ficar bom. Ou que você não acha alguém bom pra fazer. Já aconteceu isso comigo. Aí eu desisti por um tempo. Mas, logo em seguida, encontrei alguém que sabia fazer o desenho. É esse cavalo alado aqui” (refere mostrando o desenho). (F.G.S., 16 anos)



“Eu não aguentei. Vi todo mundo com tatuagem aí fiz. Acho o cavalo alado muito bonito, forte, eu gosto...”. (F.G.S., 16 anos)



“Eu fiz porque não me controlei, vi minhas amigas fazendo, aí fiz”. (J.R.S., 18 anos)



“A minha tatuagem é um sol. Eu saí com um gringo argentino que encontrei na Beira-Mar. Ele tinha esse sol nas costas, aí perguntei a ele onde ele tinha feito. Depois ele me deu o desenho e o dinheiro, aí e eu procurei um tatuador e fiz, mas falta pintar melhor...” (D.F.C, 16 anos)

Sobre a escolha do desenho, descarto a ideia de que a prática da “*tattoo*” esteja relacionada a um simples desejo de ser tatuada, uma vez que reduzir esse fenômeno à noção de impulso, como força inata que determina a ação humana, seria desconhecer fatores fundamentais que fazem parte da trajetória e da vida das adolescentes, como o contexto em que se deu a prática e a escolha do desenho, bem como a interação destas com outros grupos tatuados. Algumas jovens referiram que suas tatuagens partiram de

uma escolha intencionada: *Fiz a minha tatuagem quando meu irmão foi preso e quase assassinado...* (D.F.S., 17 anos).

A marcação do corpo assume, assim, múltiplas formas e construções que são definidas pelas jovens de diferentes ângulos ou representações. São tatuagens de escolha religiosa ou pessoal que, na maioria das vezes, estão ligadas a determinados fatos que evidenciam momentos de suas trajetórias. Para D.F.S., o nome “PAZ” tatuado na perna evoca uma ligação com o irmão presidiário, que possui a mesma tatuagem no mesmo lugar. Para M. J.V.A., o “sol inca” da bandeira argentina, tatuado nas costas, lembra um estrangeiro com quem teve uma relação afetiva. Para B.J.F.N., a inscrição “a vida é loka e o processo é lento”, tatuado no antebraço, representa uma vida em negociação com as rotas do crime e de privação da liberdade, entrecortada por esperas e incertezas de dias lentos. Desse modo, as marcações corporais – tanto de tatuagens como as cicatrizes de lesões, facadas e tiros, adquiridas em negociações com as rotas do crime – comunicam trajetórias que são projetadas no “corpo-território” das meninas envolvidas na prática de homicídio. É um corpo singularizado, pensado como “projeto em aberto”, que busca chegar a outra forma de si, que busca “tornar-se”, “metamorfosar-se”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na empreitada para entender marcas e inscrições corporais de jovens em conflito com a lei, não foi possível demarcar “pontos de partida ou de chegada”. A observação de corpos juvenis mapeados pela violência, nas ruas, praças, terminais de ônibus e principais avenidas de Fortaleza, continua, não necessitando ir até o Internato para encontrá-los.

Tenho a consciência da incompletude desse trabalho. A viagem para entender os sentidos e significados que as adolescentes investem na modificação do corpo parece não ter fim. A cada dia desembarcam novas histórias no Centro Educacional Aldaci Barbosa Mota, novos desenhos, novas marcas de bala, barrigas costuradas e experiências de perfurações à bala.

Nesse itinerário, percebo-me como uma pintora, cuja obra nunca fica pronta, respaldando-me no caráter “artesanal” da construção analítica. Assim, reafirmo a ideia de que o esforço do pesquisador é um “trabalho de fôlego e não [...] uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico inaugural, original”

(BOURDIEU, 1994, p. 26). Desse modo, meu percurso investigativo seguiu uma trilha de declives, veredas ambíguas, em busca do fio condutor. E, em meio aos labirintos e teias do objeto, fui ajustando o foco analítico, a partir do próprio movimento do objeto investigado e de suas sutilezas.

Ao longo de três anos de trabalho de campo – observando, analisando documentos, convivendo com as adolescentes, penetrando em suas vivências e trajetórias –, pude perceber trajetórias e modos de ser, vivenciadas ao longo dos percursos trilhados por estas jovens, antes, durante e depois da experiência no internato. Nesta empreitada, refutei a ideia de trajetória linear, consubstanciada na visão de um percurso demarcado em linha reta, constituído de início, meio e fim. Nesse sentido, o desligamento do internato não é entendido como o fim das rotas de meninas marcadas pela prática infracional, mas, sobretudo, como um momento peculiar na vida destas personagens.

No esforço de entender as trajetórias percorridas por estas meninas, precisei investigar, não somente aquilo que estas personagens foram ou são, mas, sobretudo, em que se tornaram – É o “tornar-se” como um enigma em trajetórias marcadas por inseguranças em cenários de juventudes mergulhadas no “presentismo”. No caso das protagonistas desse estudo, o “tornar-se” assume uma dimensão complexa e “perturbadora”, apresentando uma confluência de imagens e representações contraditórias sobre si. São vidas, corpos e histórias entrecortadas por negociações extremas, com rotas e percursos do crime, os quais definem um modo de ser e estar no mundo.

Nas representações que constroem sobre si, ao longo dos seus percursos, assimilam representações da família, da vizinhança, das instituições ditas socioeducativas, das “tribos” e dos grupos a que pertencem: “é a filha caçula problemática”, “a ovelha negra da família”, a “louca/sem rumo”, “a adolescente problemática que tentou suicídio”, “a menina que matou alguém”, “a adolescente sofrida e abandonada”, “a menina viciada em drogas”, “a adolescente considerada chave de cadeia pelos traficantes”. Nestas representações, o olhar do outro repercute na visão de si, numa confluência de imagens contraditórias. Trata-se da visão construída pelos outros, ou seja, é a visão da família, das “tribos” e grupos a que pertencem, do universo masculino, da Justiça, da lógica do “conflito com a lei”.

Ao tentar “decifrar” marcas e tatuagens desenhadas nos corpos das adolescentes participantes deste estudo, pude identificar convergências e divergências em suas trajetórias e percursos, quais sejam:

1. Nestas trajetórias, é perceptível a saudade da infância, da família e do percurso trilhado antes da negociação com a rota da droga e dos atos considerados infracionais. De fato, as lembranças da família, da infância, da escola, dos amigos, do bairro e do município de origem são recorrentes em todas as trajetórias. Nas lembranças das jovens, identifico pontos convergentes e contraditórios que confluem entre si. A falta de sentido que a escola adquiriu em suas vidas contrasta com o desejo de retomar o percurso escolar interrompido, entendendo-o como a forma valorizada e, de algum modo, viável de ascensão social. Sobre isso, bem define D.F.S.: *tem de estudar e trabalhar prá não ser prostituta, nem ser empregada e aguentar abuso de madame;*

2. Em algumas narrativas, é perceptível o desejo de “metamorfosear-se”. A maioria das jovens ousa delinear projetos profissionais, consubstanciados pela busca de tornar-se educadora física, jogadora de futebol, veterinária, enfermeira ou motorista, mesmo em meio à baixa autoestima e ao pessimismo, que lhes faz incorporar representações e personagens gestados ainda na infância, em suas vivências escolares, na família e no interior dos grupos e “tribos”;

3. Sobre a vivência em privação de liberdade, a maioria das adolescentes parece utilizar a estratégia de esquecimento como forma de redefinir-se, tornar-se, metamorfosear-se, mesmo que, em suas lembranças, o passado vivido no internato “continue a lhe falar”. Desse modo, as jovens definem o internato de diferentes ângulos e representações. Para D.F.S., é um lugar de punição, que deve ser esquecido, apagado de suas lembranças: *o internato me causou muito sofrimento..., graças a Deus já tô em casa...* Para D.P.D.L., a sentença de privação de liberdade pode fazer refletir: *tem meninas que vêm pra cá e nunca mais se envolvem em nada, o castigo serve pra fazer pensar.* Na visão de M.F.A., o internato é pensado como uma barreira, capaz de impedir o uso de drogas: *aqui é ruim, quando sair daqui eu quero esquecer dessa vida, mas, ao mesmo tempo, é uma barreira que me impede de correr atrás de droga.* Segundo M.J.V.A., o internato é uma experiência recorrente em sua vida: *o Aldaci Barbosa não é mais novidade pra mim. Esta é a quarta vez que venho pra cá,* diz a jovem. Na visão de B.J.F.N., o Centro Educacional é um espaço contraditório e de incerteza, sendo definido da seguinte forma: *sei lá... às vezes acho que vale a pena tá aqui, que a minha vida vai mudar e que eu vou aprender a ser alguém melhor, que eu vou continuar meus estudos*

depois daqui, mas, outras vezes me sinto revoltada, aprisionada e quero sair desse inferno. Para de A.L.S.V., o internato é percebido como “barreira de proteção”, capaz de impedir vinganças, acerto de contas e, conseqüentemente, a morte. Na fala da jovem, é perceptível o medo da morte: o meu ex-namorado avisou a minha mãe que tivesse muito cuidado comigo porque estavam fazendo acordos para me matar. Se não me pegassem, pegariam um dos meus irmãos.

Referências

- BAUMAN, Zigmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BERGER, Jonh. **Modos de ver**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4. Ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- CANEVACCI, Máximo. **A antropologia da comunicação visual**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- FOUCAUL, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 13. Ed., Vozes: Petrópolis, 1987.
- FERREIRA, Vítor Sérgio. **Marcas que demarcam: tatuagem, body piercing e culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.
- FREITAS, Rilda Bezerra. **Códigos de honra: o cotidiano de jovens em conflito com a lei**. 2003. 159 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Melo. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1995.
- _____. **Manicômios, prisões e conventos**, 7. ed. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- GROGNARD, Catherine. **Tatouages. Tags à L'âme**. Paris: Syrus Alternatives, 1992.
- LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Buenos Aires: Nova Visão, 1995.
- _____. **Signes d'identité: Tatouages, piercings et autres marque corporelles**, Paris: Métailié, 2002.

MORIN, Edgard. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986. (2v.)

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Teorias da tatuagem**. Corpo tatuado: uma análise da loja tattoo da pedra. Florianópolis: UDESC Editora, 2001.

Artigo recebido em junho de 2013 e aprovado em junho de 2013.